



É URGENTE LIBERTAR
OS "PIDES"... TÊM É QUE

AVISAR. **PAGAR**



FERRAZ

1,2,3!

NÓS SOMOS...



O EXÉRCITO DE SALVA-A-MÃ

OU... A CARIDADE

EM DO-MENOR

3,422 3,423 3,424
3,421 3,425
3,427 3,428
3,430 3,429



SALVE-SE QUEM PUDE...!!!

QUE EU ESTEJA CONVOSCO!

VICTOR

Crónica semanal



por E. DÁSTIAS

Crónica nortenha e o mais que à rede venha...

O INGRATO PAPEL

Numa das últimas edições da crónica semanal que mantém num prestigioso diário portuense sob o título de "Dá-me Licença?", o muito conhecido Olavo D'Êça Leal dedica uma crítica altamente encomiástica ao café-concerto que o também muito conhecido Paulo Guilherme há pouco instalou num recanto de Cascais.

Chama-lhe coisas como engendramento "de musicalidade superlativa", espectáculo "excepcional e sensacional, seja para quem for e onde for", programa que, num "jorro permanente de vibrante alegria efusante juventude", deixa "os espectadores HIPNOTIZADOS durante mais de duas horas".

E acaba, triunfalisticamente, exclamando que "é caso para dizer: aquilo, , só visto!..."



Não estando em caso de mérito de "show" (ao que me dizem na verdade original e feliz), o bustiis da questão reside APENAS em que Paulo Guilherme É "TALENTOSO FILHO" de Olavo D'Êça Leal, como este, ali mesmo, assim refere...

Isto, realmente, "só visto", Olavo! "Dá-me licença" que lhe pergunte, Olavo, se foi de facto no tal estado hipnótico que se prestou, na sua idade, a fazer em público o papel de PAI BABOSO?

E a publicidade, Olavo — TERÁ VALIDO A PENA?

A MÃ VONTADE

Foi em altos gritos e insistentemente que, acusando o orgão da informação portuguesa de, salvo erro, "parciais", "tendenciosos" e "desonestos" os "pides" há quinze dias amotinados na Penitenciária de Lisboa reclamam a presença da imprensa estrangeira.

E porque não?

O P.C.P., por exemplo, bem podia pôr-se em campo, exercer os seus bons ofícios e trazer-lhes enviados — sei lá — do "Morning Star", de "L'Humanité", de "L'Unité", além, é claro, de um ou dois redactores da Tass.

Que custava fazer-lhes ESSA vontade?



A INDIGESTA ALTERNATIVA

Estamos de parabéns.

Na verdade as tabelas dos novos preços que entraram em vigor nos restaurantes, cafés e similares vieram pôr definitivamente a claro que — mais depressa do que era licito esperar-se — foi já restabelecida a moralidade neste País.

Pois é voz do Povo que "ou há moralidade, ou comem todos"; e acha-se mais do que provado que NEM TODOS PODEM COMER...



A LONGA PACIÊNCIA

O porto vai bem, obrigado!

Só não tem, o Porto, água que chegue, nem rede de esgotos que valha, nem pavimentos de ruas que sirvam, nem transportes públicos que mereçam esse nome, nem Câmara Municipal que funcione.

(Sem faltar à verdade pode também dizer-se que o que o Porto não tem é transportes públicos que cheguem, rede de esgotos que funcione, água que sirva, pavimentos de ruas que valham, Câmara Municipal que mereça esse nome...)

Em contrapartida o Porto tem, por um lado, cólera — e, por outro, paciência.

(Ou talvez melhor: o Porto tem, por um lado, MULTÍSSIMOS ANOS! OBRIGADO. . .)

Mas vai bem o Porto, continua bem o Porto, O PORTO ESTÁ BEM HÁ MUITÍSSIMOS ANOS! OBRIGADO.



SALAZAR E OS VENTOS DA HISTÓRIA

DR. VEZQUEL

LEIA QUE VALE A PENA



Para saber donde sopra o vento, há pessoas que molham o dedo com saliva e põem no ar... Este método rudimentar, senão lacustre, tão catafalco a hora do dia nos olhos de um gato ou de prever o mau tempo pela posição das orelhas da azémola doméstica, foi — tudo leva a crer e nada o desmente — aquele que Salazar usou para conhecer a direcção dos ventos da história, transformando a sua vida na novela patética de homem que escolhia decididamente os ventos errados, que se embrulhava neles e se tentava desembrulhar, num embrião ventoso que compete em mistério verbal com o Siroco e em acção devastadora com as monções.

Personagem de Cervantes com uma boa pitada de Ger-vásio Lobato, o ditador que veio de Coimbra trazia no nome a fatalidade, o durável azar que ia salgar o país

com a mesma perentória esterilidade que o Marquês de Pombal, também tirano e arris-tado, determinou para certos latifúndios dos supliciados Tavoras. Por estranho e maligno sortilégio, a sua palavra parecia conjurar os ventos nefastos e destruidores. Refere-se ele o problema da agricultura e logo se acelerava o abandono dos campos, o extremo dos olivais, e a redução das pastagens. Promete-se ele um futuro ridente para a industria e, imediatamente, pernas-para-te-quer-o, engrossava a legião ávida dos emigrantes. Celebrasse ele a glória das passadas colubretas pátrias e a renovação das empresas guerreras e, acto continuo, cresciam os desertos, a corta-mato e cortan-tios, por essas fronteiras fora até onde não chegasse a voz enrouquecida do ditador!

Ao primeiro aceno da brisa fascista nos pantanos litorais, ocorreu, pressuroso, Salazar, a encher os pulmões do ar poluído que entendeu ser o mais adequado ao país que governava e à respiração do seu povo. Não havia dúvida, pensava o aziago estadista de Santa Comba: bastava fechar os olhos e seguir, farejante e enbruido, os ventos triunfais que o "bonzão" do Benito Mussoline e o "simpaticão" do Adolfo Hitler administra-

vam na Europa dos anos trinta, empanalhados nas mesmas ideias e na feróz ambição do mando, trocaram recados, bilhetinhos amáveis, telegramas de parabens e fotografias. O lente de Coimbra exultava embora fosse o faxina do conluio e o seu amigo teutão, no "Mein Kampf" tratasse os portugueses como uma raça futuramente reservada a trabalhos congeberes das das bestas de carga!

O fim da segunda Guerra Mundial mostrou à puridade que ele se enganara no vento... Porém, como D.Sebastião, em Alcaçer Quibir, na expressão pataqueira do historiador oficial do regime, o dr. João Ameal, ficou "triun-fante na derrota"... ! Incapaz de reconhecer a sua ten-dencia para os abismos, mascarou Salazar a nortada em suão, com tagatés à longuinha e fernandina aliança com a Inglaterra, com beijos nas pontas dos dedos à libertação da França e cedências ao Tio Sam. E, primeiro, à socapa, depois com todo o descoco, a coberto do exemplo do Franco — o unico amigo sobrevivente à "catastrofe" —, tratou de conservar os restos dos ventos varridos da Itália e da Alemanha. Foi herdeiro de uma terça do macabro legado. Apesar de tudo, congemina-vam o traste, aqueles ventos fa-

ziam-lhe imenso jeito!

Voltou, então, o olhar iluminado para a Africa. Ah, ali, sim, ali deixaria a marca indelével e inequívoca do seu génio politico. Demonstraria cabalmente ao mundo que Roosevelt, ao insurgir-se contra o colonialismo, não passava de um rapazola sem experiência desses complexos problemas! Duma penada, com a mão ditatorial a tremer de impaciência e inspiração, elaborou aquele espantoso "Acto Colonial" que supera as mais ousadas "marivaudages" e está na linha do teatro do absurdo e das peças de Ionesco — embora ao legislador faltasse o talento do autor da "Cantora careca"...

Numa época em que Africa despertava para as reivindicações e para a liberdade, decretou ele que as Províncias Ultramarinas se designassem por... Colónias; que os portugueses ali nascidos fossem classificados oficialmente como "portugueses de segunda" (sugestão que lhe veio ter sido soprada pela governante, ao pesar o açucar de primeira que vinha de Angola); e só não tornou a implantar a escravatura (ministro com o nome de Negreiros possuía já ele!) Porque certamente guardava na manga, para outra ocasião, as centelhas da sua visão politica. Não podia ser

tudo duma vez!

Os seus apinaguados pas-mavam ante a lucidez do Chefel! A mãos ambas, aplaudiam o seu "Papa Doc" de São Bento, lançavam-lhe flores e incenso, agradeciam de joelhos e com o olhar desviado de admiração! As multidões apinhavam-se à sua porta para lhe tributar ovações, as mulheres erguiam-lhe uma estátua de eterna gratidão! Aquella dos "portugueses de segunda" era de génio! Que grandessíssima cabeça nós tínhamos à frente dos nossos destinos. E com o seu ar tão sisudo de seminarista, o homem tinha, irrefutavelmente tinha a sua piléria!

Contudo, os ventos não estavam outra vez de acordo. Arremetiám furioso, irreprimíveis, já com cheiro a sangue, contra as janelas do seu gabinete de monge ensandecido, a São Bento. Todo o mundo exportá-vu a colonia-lismo português. Impávido

cont. da pág. 11



O JORNALISMO

Ora muitos dos meus fieis leitores me têm pedido por que lhes diga tudo o que sei acerca da honrosa profissão de jornalismo. Camarada! (Isto é uma simples figura literária de retórica e não tem nada que ver com qualquer filiação política).

Camarada! Que pedido! E eu que me pelo por demonstrar a minha ciência, nesse campo! Pois aí vai, meus ilustres discípulos.

O jornalismo é uma das mais antigas profissões do mundo. Ouvi dizer há pouco tempo que já tinha sido descoberto um osso de um homem de há vinte mil anos: talvez seja verdade. E se é verdade, então eu posso dizer-vos que foi precisamente há vinte mil anos que existiu o primeiro jornalista.

Sim porque para pôr as coisas em pratos limpos (eu cá gosto muito do asseio) o primeiro homem foi indiscutivelmente o primeiro jornalista.

Porque vocês estão a ver: se tomarmos a versão tradicional do Adão e Eva, que no Paraíso andaram à fruta sem ordem do Senhorio, mestre Adão depois de ter recebido a ordem de despejo deve ter ficado pior que uma bicha. Primeiro porque ele até aí não tinha tido qualquer chatice com o Senhorio nem por causa da renda da casa, nem por causa dos abas-

tecimentos, e viu-se assim dum dia para o outro obrigado a ir procurar ao mesmo tempo casa e emprego.

O que se está mesmo a ver que é uma chatice das antigas.

Claro que resmungou. Quem não o faria? Resmungou, e ficou com aquela atravessada, tanto que daí para a frente nunca mais passou muito cartão à Eva, e as cronistas que apareceram tempos depois, quando um dos seus filhos se decidiu a escrever as memórias da família, mencionaram claramente que foi daí para

a frente que o Adão deu em homem das cavernas — assunto que eu já magistralmente tratei em lições anteriores — já nem se dava ao luxo de mandar a Eva para a barraca: em vistas do que ela lhe tinha feito e dos sarilhos em que o tinha metido, o Adão quando a queria em casa, agarrava-a pelos cabelos e levava-a assim a modos de roulotte, ajudando de vez em quando com a boca.

Tudo isso foi escrito e descrito pelo primeiro jornalista que apareceu e que ao que parece fundou lá no burgo o "Luná-

rio das Cavernas" que era laboriosamente gravado com calhaus rijos em calhaus moles.

Claro que dada a complexidade desses trabalhos de composição, não era possível aos cronistas dessas épocas alargar-se em prolixos pormenores: e a maior parte das vezes, como não tinha ainda começado o plano de alfabetização lá do sitio os cronistas, serviam-se daquele velho aforismo "quem não sabe ler vê bonecos" e foi assim que nasceram as primeiras pinturas rupestres, que vistas a esta luz mesmo sem petromas são prova evidente do espirito jornalístico de então.

Assim eu ainda há poucos anos vi numas grutas ali para os lados daquela banda, uma enorme caverna com pinturas murais (murais com u, porque por outro lado eram francamente imorais) onde se via à esquerda atrás duma árvore, um troglo-

ditá a espreitar — presumivelmente a caça: logo a seguir, estava uma lasca daqueles tempos a ser arrastada pelos cabelos para uma caverna. Mais adiante via-se um bisonte de larga cornadura a espreitar atrás duns sargachos. Por fim ao lado direito e em lugar de destaque havia uma espécie de gruta feita com peles de animais.

Ora quando me foi pedida a minha douta interpretação daquela pintura rupestre, dediquei-me a profundas locubrações e cheguei a esta explicação:

Um troglodita surpreende a sua troglodítica companheira em flagrante delito de pluralismo companheiral, que o cronista define magistralmente com os dois símbolos finais: a enorme cornadura do bisonte, e a conseqüente barraca a que o incidente deu lugar.

Como os meus ilustres alunos verificam logo ali na Idade da Pedra, os cronistas começaram a sua missão jornalística a meter-se na vida alheia, e desde então para cá tem sido um vé se te avias que nunca mais parou, nem mesmo quando as barracas se davam com importantíssimos watergatisimos presidentes.

Muito mais haverá a dizer da história dos jornalistas, principalmente com as necessárias margens de destaque para os publicistas, mas isso ficará para outra altura.



CANTIGA DE AMIGO

Exmo. Senhor
Director—Labor da Segurança Social
Madrid

Português por nascimento "e, desde 25 de Abril último, considero que também por fatalidade", de há muito tempo que sou, no entanto, adirador indefectível da castiça e tradicional Espanha de V.Exa., na qual me habituei a ver num raro exemplo de salubridade cívica, um cerrado defensor do mundo livre, uma firme falange ao serviço da civilização ocidental e cristã.

Por isso, é gostoso como que hoje lhe dirijo esta mensagem, de cumprimentos e de felicitações pela campanha na nobre Nação de V.Exa. a diversos níveis vem sendo desenvolvida no sentido de os espanhóis não visitarem Portugal nas presentes férias, conforme tinham por uso.

V.Exa. sabe — tão bem como eu — que o surto de cólera existente só em delimitadas zonas do país se reveste de aspectos realmente preocupantes.

V.Exa. sabe — tão bem como eu — que a perturbação mental das populações não é tão acentuada que as leve a insultar por sistema, ou a molestar por qualquer outra forma, todos os compatriotas de V.Exa. que apanhem à mão (as COISAS que aconteceram, há semanas, no hoquei em patins foram idênticas COISAS que — em Lisboa como em Madrid, em Barcelona como no Porto — acontecem, há anos, no hoquei em patins...)

V.Exa. sabe — também como eu — que as jovens espanholas não são, aqui, forçadas a nenhuma relação para além das eventualmente desejem, e procurem o estímulo.

V.Exa. sabe — também como eu — que a Padeira de Aljubarrota continua em paz o seu sono e o seu repouso de séculos, não se confirmando que tenha ressuscitado, sequer momentaneamente.

Mas V.Exa. sabe igualmente — tão bem como eu — que, não obstante o exposto, a grande maioria dos portugueses está na verdade doente. E que o mal que ora a atacar é de facto grave, quase certamente irrecurável, com todas as probabilidades contagioso.

Eis porque a rigorosa campanha de dissuasão em curso se torna, assim, necessária sem margem para quaisquer dúvidas e imperiosa acima de quaisquer temporizações.

Em conformidade, daqui me atrevo incluívê a sugerir, respectivamente, a V.Exa. que se vá mais longe e que os espanhóis sejam não apenas DISSUADIDOS de vir a Portugal (há quem, inconscientemente ou teimoso, ainda o faça...) MAS FORMALMENTE PROIBIDOS DE O FAZER.

Um dia mais tarde, os Povos Ibéricos hão-de agradecer-lhe.

De V.Exa. atentamente
Miguel de Vasconcelos

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS



Meus amigos esta coisa de ser pessoa muito importante tem as suas vantagens. Vejam o que sucedeu ao senhor Nixon, que foi presidente dos Estados Unidos: parece que abusou um bocadinho, à velha maneira fascista, do poder que dispunha, e teve artes de arranjar um sarilho de primeira grandeza que acabou por o obrigar a pedir a demissão do emprego. O que para qualquer mortal seria tremendo, com as consequências que resultam sempre dum desemprego e mais grave ainda, porque sendo o seu oficial presidente duma nação, não me parece muito provável que no serviço de procura de empregos lá do sítio, se arranje assim dum dia para o outro uma vaga de presidente noutro lado, a que ele possa concorrer.

Claro como o senhor Nixon era esperto, teria certamente já previsto essa possibilidade e assim foi fazendo uma coleção de gravações — as mesmas que lhe arranjaram o sarilho — mais uma data de documentos e fotografias, que segundo os entendidos deve hoje valer alguns milhões de dolares.

Agora pergunto eu: valem esse dinheiro todo, porquê? Porque há colecionadores dessas coisas assim como quem coleciona selos ou caixinhas de fósforos?

Ou valem esse dinheiro todo porque se trata de coisas confidenciais que muita gente não gostaria de ver publicadas? Milhões de dolares... Ná. Aqui há coisa.

Mas o engraçado é que o Sr. Nixon ainda não está livre de chatices, por causa do tal processozinho do Watergate. Claro, ele enquanto pode, foi atirando para a fogueira com os que, por indicações suas, se iam envolvendo nas diversas tramoiias. Assim atirou às feras vários "fiéis servidores" — também à boa maneira fascista.

Um dos primeiros que ele sacudiu, foi o Sr. Herbert Klein, que era por voltas de 1972 (quando rebentou pela primeira vez o escândalo Watergate) o responsável pelas comunicações da Casa Branca. Nessa altura o Sr. Nixon disse a um dos seus colaboradores que o Sr. Klein não sabia onde tinha a cabeça. Que era uma pessoa em quem se não podia confiar, e que não era tipo que servisse.

Depois foi o romance que todos conhecem, e que ao fim de dois anos forçou o Sr. Nixon a armar as presidenciais botas. E agora, já ex-presidente, telefonou ao Sr. Klein e perguntou-lhe: " — Então já sabe onde tem a cabeça?" E depois de rir muito pela sua própria gracinha, pediu-lhe desculpa do que tinha dito, esclarecendo que "isso eram coisas que eu dizia, mas que não pensava, e peço desculpa por todos os problemas que isso lhe possa ter causado."

Eu hoje estou cheio de histórias nixonescas. Cá vai outra. Um dos seus colaboradores que ele atirou para a fogueira, para ver se conseguia travar o escândalo Watergate, foi o seu antigo conselheiro John Ehrlichman, que está para ser julgado como encobridor do caso.

Mas o Sr. Ehrlichman não vai em fitas. E para o seu julgamento, não esteve com meias medidas e deu como testemunha de sua defesa o próprio Richard Nixon.

Que já foi devida e oficialmente convocado para a primeira sessão no dia 9 de Setembro.

Vai ser um julgamento giro. Devem-se dizer lá boas coisas, para a História...

Quem está a ver a vida a andar para trás é o SR. Ian Smith, primeiro ministro da Rodésia.

A subita mudança dos ventos políticos em Portugal, criaram-lhe uma data de problemas, porque Moçambique hoje já não é aquele confortável colchão de molas que servia à Rodésia para deitar a língua de fora aos Ingleses.

Agora as coisas começam a ficar complicadas, porque Moçambique descoloniado não vai fazer jeitos ao Sr. Smith. O que levou o secretário geral da Comunidade Britânica a declarar em Lagos, na Nigéria, que o Sr. Smith é teimoso e não tem a noção das responsabilidades. E acrescentou que agora estava optimista quanto ao futuro da África Austral, em consequência da alteração verificada na política colonial portuguesa.

É o mal é que há muitos saudosistas por esse mundo fora... Na Itália o Movimento clandestino de extrema direita "Ordem Negra" ameaça responder com "insurreição armada" à repressão armada, num folheto enviado a uma agência noticiosa. Esse mesmo prospecto informa que se realizou já em Florença uma reunião dos Comandantes Chefes dos "Comandos Operacionais" da Ordem Negra de 11 cidades toscanas.

Não os tenham debaixo de olho, e depois quem-se

PARA TODO O PAÍS
OS MELHORES
GRUPOS MÚSICAIS

A.J.



REPRESENTAÇÃO DE CONJUNTOS MÚSICAIS

RUA F, LOTE 1 - R/C - B

Telefone 316354

OLIVAIS SUL

LISBOA - 6



EL-REI

— Senhora D.Briolanja, vinde cá, e dizide a vossa filha Aldegundes que venha também convosco.

D.BRIOLANJA

— Que se passa, meu amo e senhor? A caso estades doento do flato?

EL-REI

— Não vos arreceideis, senhora minha. Estou melhor que bom. Mas penso que se torna mistérí acateularmos os nossos futuros... Ah, mas eis que aí vem a nossa estremedica filha Aldegundes: como passades, adorada e gentil filha minha?

ALDEGUNDES

— Ai papá! Como quereides que passe? Ninguém me ama...

EL-REI

— Não digades isso, adorada filha. Acaso os gentis-homens deste reino ainda não atentaram nas vossas excelsas virtudes?

D.BRIOLANJA

— Sabeide meu senhor que me parece que o mal da nossa estremedica filha não ter ainda encontrado quem a leve ao himeneu é precisamente o das suas excelsas virtudes. Sabeis que vivemos numa triste época de costumes onde as virtudes não são devidamente apreciadas...

ALDEGUNDES

— Pois é, papá. De cada vez que eu baixo os olhos envorgnada, como compete a uma donzela de bom nascimento, quando os levanto já não vejo ninguém ao pé de mim...

EL-REI

— Mas não baixei os olhos, estremedica filha! Quando encontrades um desses peralvilhos que acheides os pode servir, filai-o! Falai-lhe dos vossos cabedais!

D.BRIOLANJA

— Que dizides, senhor? Chamaides coiro a vossa filha?

EL-REI

— Não sejaides parva, senhora minha, Quero referir-me aos seus bens, aos seus carcanhóis! É sabido que neste mundo se dá hoje muito valor aos bens dotais das donzelas casadoiras...

D.BRIOLANJA

— Então para que falaiades nisso? Bem sabeides que com a pressa com que saímos do nosso reino mal tivemos tempo de trazer meia dúzia de baús! E ainda por cima vim a descobrir quando cá chegámos que não havia neles quase nada de interesse ou de valor material: no vosso, só havia algumas caixas daquelas medalhas que vos costumáveis oferecer a quem nós ia visitar, e meia dúzia de diplomas que já perderam a validade.

EL-REI

— Não digades isso, senhora minha! Valiosos bens são esses, para a História!

D.BRIOLANJA

— Senhor meu amo e soberano: com todo o respeito que vos devo, estou-me marimbando para a vossa História! Se calhar vai ser escrita por alguns desses escribas de paredes que oigo dizer que existem agora no nosso antigo reino e olhai-de que se assim for, bonitas coisas lá escreverão a nosso respeito!

EL-REI

— Não digades mal dos pum-puns, porque novas hei que bons serviços nos têm estado a prestar.

D.BRIOLANJA

— Bons serviços a nós, que somos de sangue real, esses maltrapilhos sem eira nem beira? Ensandecesteis?

cont. na pág. 10

ISTO DA CAÇA
SÓ À 5ª EO,
DOMINGO É QUE
EU NÃO ENTENDO...
AGORA QUE HÁ
PARA AI TANTO
PASSARÃO
QUE JM TIPO
PODIA E DEVA
ABATER!...

OS CABEDAIS A TORRE MALTA



BARRACADAS DO FAISÃO DO CHICHARRO

Dizia um moralista e dizia muito bem que a sociedade se

divide em duas espécies de homens: os que têm mais jantares do que apetite e os que têm mais apetites do que jantares. Isto é: a senhora Dona Beltrannissima como figado de foca no "Jockey" de Madrid; os locatários da Quinta do Chegado, na Cova da Piedade, comem o que há e não chega para ter o estômago aconchegadinho...

Isto é: uns enfastiam-se de comer à tripa-forra; outros definham de comer à tripa-morra! Uns banqueteiaram-se com salmões frios à oriental e "chaud-froid" de frango, depois da digestão intelectual da "Geopolítica", estrebucham com suores frios e sem "chaud-froid".

Afirma a sabedoria popular que "Deus dá a roupa conforme o frio". Dará? O que não dá com certeza é a comida conforme a fome.

De resto, avalia-se logo pela aparência dos comestíveis e classe de pessoas a que se destinam. A lagosta tem um ar enfático de bicho que vai ao psiquiatra, mostra-se inacessível, rara, quase hierática na sua Babel de antenas, patas e apêndices. O mexilhão é tu-cá, tu-lá com toda a gente. O faisão veste nos melhores costureiros de Paris, o frango nos saldos dos Armazens do Conde BArão. Basta olharmos para as trutas para sabermos que já estiveram à mesa dos embaixadores; basta relancear o "Jaquinzinho" para termos a certeza que só fre-

quentou as embaixadas social e a fava ande à tar-

pas escadas de serviço — de, na taberna, e à noite, muito embora o carapu nos lugares da moda. O esteje em franca ascensão que não quer dizer que a

lagosta decaia e desça ao nível do chicharro e que este se eleve ao plano do cont. na pág. 10

NO DIA EM QUE O REI FEZ MESES HOUE ARRAIAL E FOGUETES NO AR, CHEUGO CAPITAL A FARTA P'RA TODA A GENTE PODER TRABALHAR! O POVO SAIU À RUA COM A ALEGRIA QUE COSTUMAVA TER CANTANDO: — JÁ HÁ DINHEIRO AGORA É QUE VOCES Ô MALTA, VÃO VER!

VEIO O ANTONIO DO AÇO (E O QUINA FICOU AMARELO...) PAIRAVA O ESPIRITO SANTO EM VINHAS SEM SER DE MARTELO... E O D.ZE MANEL DAS PENEIRAS JUNTOU-SE AOS OUTROS TAMBÉM... VALADAS, MIRANDAS, MOREIRAS, E FORAM TODOS A BELEM!

NO DIA EM QUE O REI FEZ MESES HOUE FOGUETES E HOUE ARRAIAL: QUE OS HOMENS QUE TINHAM PASTA DINAMIZARAM O SEU CAPITAL! OS POVOS FICARAM TONTOS A PENSAR JÁ NUM FRUTO RIDENTE, COM TANTOS MILHÕES DE CONTOS E COM EMPREGOS PARA TANTA GENTE!

HOUVE GENTE SATISFEITA DESDE O NORTE AO SUL DE PORTUGAL! ADMIRANDO A ATITUDE DIREITA DOS MAGNATAS DESSE CAPITAL... E A FICHA QUE ELES AMANDAVAM MESMO SEM QUEREREM DAR MUITO NAS VISTAS DIZENDO À MELTA: — E AGORA, DIGAM LÁ MAL DOS CAPITALISTAS!



cont. das centrais

ALDEGUNDÉS

— É verdade, papá! Das coisas que eu tenho visto às vezes escritas nas paredes...

EL-REI

— Menina, tende maneiras! Essas coisas que vedes escritas aqui neste reino, são outras! Quando virdes essas coisas, então é que deveis baixar pudicamente os olhos!

ALDEGUNDÉS

— Eu baixo, mas às vezes sempre lobrigu um bonequinho ou outro...

D.BRIOLANJA

— Oh desbocada donzela! Isso são coisas que se digam à frente do vosso progenitor e da vossa progenitora?

ALDEGUNDÉS

— Não é por mal, Mamã, é só para ficar a saber. Ainda outro dia quando eu ia no jardim público com a minha açafata ela viu e disse-me: "Eu já sabia!" e eu tive que responder tristemente: "Eu não sabia..."

EL-REI

— Não sabia nem tem nada que saber. Fica avisada que não torna a levantar os olhos para essas estampas impudicas pintadas nas paredes. Mas não foi para isso que vos chamei.

D.BRIOLANJA

— Então para que foi?

EL-REI

— Foi para deitarmos contas à vida, e saber com que é que contamos, se este nosso exílio se prolongar...

D.BRIOLANJA

— Com que havemos de contar? Ainda pelo menos ides recebendo as tenças magras que todos os meses nos vão mandando...

EL-REI

— Pois minha amada esposa, chegou a altura de vos confessar um segredo, porque sempre há viver e há morrer e vós podereis sobreviver-me...

D.BRIOLANJA

— Credo, senhor, não digaiades isso...

ALDEGUNDÉS

— Mamã, sempre é bom saber! teremos que ser fortes se o papá esticar o real pernil! Se não for assim, como ficaremos nós, desamparadas no mundo, sem nada que nos ampare?

EL-REI

— Pois para isso vos chamei. E nunca digaiades disto palavra a ninguém, mas sabeide que no nosso antigo reino eu tenho grossos cabedais...

D.BRIOLANJA

— Soides louco, está visto! De que nos servem os cabedais que lá podeis ter, se nós estamos aqui e o nosso antigo reino é pasto de infieis conjurados?

EL-REI

— Não vos assaralhopeides. Tanto eu como aqui a nossa estremeçada filha Aldegundes temos grossa fortuna arrecadada e bem segura.

ALDEGUNDÉS

— Ah temos?

EL-REI

— Óvidentemente! Que julgaiades vós que eu sou? Tudo o que temos está a bom recato, e pelo menos aqui os cabedais da noa estremeçada filha, esses até estão em bom seguro!

ALDEGUNDÉS

— Não sabia...

cont. na pág. 15



Há dois homens, em Portugal, que estão frequentemente em estreitas, inaugurações, "vernissages", reuniões mundanas...

Um é o ex-rei Humberto de Itália que passeia a sua classe.

O outro é o cantor Loureiro Diniz, ex-rei dos palcos líricos...

O Manuel Magro, agora director do "Diário Popular", estará mais gordo?

O Martinho Nobre de Melo é que deve estar actualmente Martinho Nobre de Magro...

O "super-frívolo" Ibrahim Sued, cronista social da revista brasileira "Manchete", noticia que "Privé" é a "boite" (ele escreve boate) mais em voga no Rio de Janeiro. Ali aparecem as infatigáveis elegantes Teresa de Sousa Campos e Lourdes Catão, "locomotivas" da sociedade laica... Mas o sucesso do "Privé" só será completo quando por lá surgir o "certain sourire" duma "certaine" Dona Natália...

Então, vai ser como dizem os brasileiros: "de fechar o negócio"!

Paul Getty, o homem mais rico do mundo, acaba de triplicar o seu corpo de "guarda-costas", informa a revista espanhola "Hoi!"

Não sei se este exemplo já terá sido seguido por aquele administrador de um banco português que tem tanto medo dos raptos...

Sabem quem é, não sabem?

A secretária brasileira de Marcelo Caetano chama-se simplesmente Isca Janini. É um nome escolhido a preceito por um estadista que sempre gostou de pescar em águas turvas.

Consta que Milú está a renovar o seu repertório. Apresentará na próxima temporada duas novíssimas canções: a "Cantiga da Rua" e "Montmartre"...

DO FAISÃO DO CULINARRO

cont. das centrais

salmão.

Do mesmo modo, a simples enunciação das variedades culinárias constitui já um abismo de desigualdade sociais e um claro ponto de referências políticas. Não se concebe o filete de linguado à Orly, numa tasca de Cebolais de Cima; não se esperam as papas de sarabulho no restaurante da Torre Eiffel. Não podemos supor um sacerdote a deliciar-se com galinha "Voltaire" nem um ateu perdido por toucinho do céu. Não vemos um M.R.P.P. a servir-se gulosamente de molho à "financière" nem vemos

um financeiro a apreciar o "escabeche" do M.R.P.P. Enfim: não se aceita a ideia das batatas "à chateau" num casebre como não se conjectura a presença da açorda num castelo!

Brillat-Savarin, o celebrado gastrónomo francês, escreveu nos seus saborosos aforismos: Diz-me o que comes, dir-te-ei quem és. A frase encurta razões, faz pensar e presta-se a ser usada com actualidade, posta do avesso: Diz-me o que não comes... Porque, efectivamente, dois terços do mundo não comem. Vêem os outros comer!



Quando foi proclamada a República, em 1910, houve imediatamente alguns monárquicos que aderiram, tendo ficado conhecidos pelo saboroso nome de "os adesivos"

Mas o caso do locutor Fiasco, perdão, Filho Gouveia ultrapassa "tudo quanto a Musa antiga canta" e os adesivos permitem!

Já houve quem lhe chamasse "o penso rápido"...



Na revista "A Pai Adão", em cena no teatro Laura Alves, anda... "tudo a nu" menos a Fernanda Baptista, é claro e o nome do autor do poema.

Carlos Leo não será um pseudónimo de Eduardo Damas? Eu acho que sim e felicitoo pelo pseudónimo mas não pela qualidade do texto da revista.



Há anos, Tennessee Williams, autor de "Um Eléctrico chamado Desejo", esteve em Lisboa e conta-nos esta espirituosa história de uma entrevista.

Uma afanoso jornalista português perguntou:

— E casado, Mr. Williams?

Resposta do dramaturgo americano:

— Por que me pergunta isso? Quer casar comigo?



Já que estamos em maré teatral, continue-mos.

Carlos Avilez voltou de África e pretende regressar ao Teatro Gil Vicente, em Cascais, pertença dos bombeiros que o não querem lá.

Possivelmente por questão de solidariedade, preferiram uma inquilina como Amélia Rey Colaço que já foi atingida por dois incendios...



Flaubert escreveu:

"O teatro não é uma arte mas um segredo. E o segredo é enganadoramente simples: diálogo não é prosa. É uma outra linguagem e o talento para escrever novelas não significa necessariamente o talento para escrever teatro".

Aprenda Joaquim Paço d'Arcos, muito embora, no seu caso, o próprio talento de novelista seja muito discutível.

A propósito: será que Avilez vai repor a peça de Paço d'Arcos que estreou, há tempos, em Cascais?



CONSULTÓRIO SENTIMENTAL

DESCONFIADA — Tenho a impressão que o meu marido anda a enganar-me. Há já três semanas seguidas que anda a fazer sério. Que acha que faça?

RESPOSTA — Para ter a certeza, obrigue-o também a fazer sério em casa. Se ele também fizer, não há perigo. Mas se ele se negar, o mais certo é andar moiro (ou moira) na costa.

FRUSTRADO — Tirei o curso de nadador salvador porque sempre pensei que seria delicioso salvar uma vida com respiração boca a boca. Mas até hoje só me apareceram homens, e o pior é que um deles até queria que eu fosse para casa dele continuar a salvá-lo. Acha que desista?

RESPOSTA — Não senhor. Acho que deve continuar. A época banear ainda não acabou, e ainda pode ser que se safe. Quanto a esse... o problema é seu. Se gosta do tratamento, continue.

SAUDOSISTA — Tenho reparado que ultimamente os homens já não me dirigem tantos galanteios como antigamente. Será pelo facto de eu lhes merecer respeito, ou serão os homens que mudaram? Ou será por saberem que eu sou aposentada dos Correios?

RESPOSTA — Deve ser tudo junto. O facto de ser aposentada dos Correios diz-nos aquilo que a sua modéstia não deixou dizer: que a nossa consilente já passou há muito a casa dos 50. Que isso lhe dá um certo respeito, é certo; mas também é certo que os homens são uns ingratos. Mas não hesite: ponha uma mini-saia, pinte os olhos de verde escuro e os cabelos de acaju, e vai ver que ainda lhe vão ao conhecimento.

SALAZAR E OS VENTOS DA HISTÓRIA

cont. da pág. 5

com gesto de desdém para o assunto de pouca monta, Salazar recolheu, breve, a nova sublime lucubração enquanto os colaboradores e simpatizantes confiavam cegamente no "Eureka" deste Arquimedes a cada "Eureka" se afogava na banheira... Um murmúrio veio de dentro do quarto onde Portugal esteve fechado quarenta e tal anos como réfm de um perigoso sádico: — "Achei!"

As colónias voltaram a chamar-se Províncias Ultramarinas; e, perante o espanto do taumaturgo de Santa Comba, todo o mundo aumentou a gritaria contra nós. Não havia maneira de acertar no vento!

Era tudo uma questão de inveja, clamavam os adeptos do Estado Novo. Inveja, apenas inveja! Os outros povos tinham começado por invejar o Chefe incansável e clarividente que nos governava, constava mesmo que uma tribo de beduínos o tentava aliciar com a oferta de um trono, um camelo, uma tenda e um harém de nubias lesteais, que a Nicarágua suspi-

rava por ele, que diabólica CIA o procurava raptar para servir de conselheiro ao Presidente da América — e, agora, invejavam os nossos territórios de Além-Mar em que o dr. Salazar fazia tanto gosto muito embora nunca lá tivesse posto os pés!

Afirma Sicro no "De Senectute" que a idade refina as virtudes e os defeitos de um homem. A vocação da clausura tornou-se obsessiva no caso de Salazar à medida que os anos passavam. E não satisfeito com a sua apenas e com a das centenas de portugueses que mandava enclausurar nas prisões da sua Gestapo, essa força íntima e doentia levou-o e desejou que Portugal, todo o Portugal, ficasse enclausurado no seu canto da Europa! Era necessário que a Nação inteira se identificasse com o seu ditador e, "orgulhosamente só", fizesse da solidão um motivo de orgulho rezojizo!

O demorado exercício do poder — comprovam-no as observações dos psiquiatras — provoca neuroses específicas e um harém de nubias lesteais, que a Nicarágua suspi-

toda a obra política de Salazar, respeitante ao ultramar, pretence mais aos domínios da psiquiatria do que da política. A frustração exacerbava certamente a sua auto-suficiência de proviano e, no seu contínuo e pertinaz equívoco com os ventos, arremessou o país para uma guerra em África!

Molhar a caneta em tinta e o dedo em saliva, com habitualmente... Os seus antigos companheiros de "rapaziadas", Adolfo Hitler e Benito Mussolini, haviam morrido de modo violento. Ele, sempre subalterno, sempre mediocre, até no próprio fim, não experimentou o trau do cianeto nem o rigor da corda no pescoço: estabeleu-se numa cadeira abaixo, definiu e desapareceu.

Mesmo morto, os ventos da história não deixaram de perseguir-lo, varrendo a sua lembrança da memória dos que o tinham aclamado ou despertando-a para a tornar mais excecral.

Jamais conseguiu impôr aos ventos a vontade que impôs aos pais.

AS NOSSAS SENSACIONAIS ENTREVISTAS

O BOI



Pois é. Como o meu chefe de redacção tem a mania que eu só lhe arranja entrevistas com quem já toda a gente falou eu desta vez cortei-lhe o pio, porque arranji uma entrevista sensacional. Não adivinhem? O quê, com a Bardot? Nem pensar nisso: eu não entrevisto frascos. Com o Theodorakis ou lá que é, esse cantor-zeco grego que disse que vinha e não veio? Frio, frio.

Mas eu digo: entrevistei... um boi!

Bom, vamos lá de gozo. O boi que eu entrevistei era mesmo um boi. Com cornos e todo. Tá bem, já sei que isso não prova nada, mas era mesmo um boizinho desses que andam a pastar no campo, esses que dizia o poeta "Os bois, tão fortes, os boizinhos, leões com corações de passarinhos!"

Esse mesmo. Fui encontrá-lo no domingo passado a pastar numa horta de rabanetes ali para os lados da Malveira, quando fui com a minha Miquelina fazer a volta dos tristes. E foi nessas altura quando o boizinho voltou para mim (e para a minha Miquelina) os olhos pestanudos e tristes, que eu tive a ideia de o entrevistar.

A minha Miquelina ainda me disse:

— Olha lá tem cuidado com o bicho. Não te esqueças que esses gajos não são de confiança!

MAS eu, que sou um profissional, até acho graça. Dirige-me a ele e disparei à queima roupa a clássica frase para iniciar conversas:

— Com que então... pastando, hein? Que tal vai a vidinha?

O boi olhou-me com tristeza e respondeu:

— Olhe, se quer que lhe

diga... pouco bem. Ainda pensei que as coisas se compusessem...

— Quais coisas?
— Então o senhor não sabe? Aquilo que se estava a passar no matadouro! Claro que era indecente o que se passava: iamos para ali, para nos darem cabo do canastro, e nem sequer tinham instalações capazes para isso!

— Ah, não?
— Não senhor! E não julgue que isto é esquisitez minha: não senhor: eu sei, e todos os bois sabem, desde sempre, por um sentimento inato de fatalismo, que o nosso destino é este. Desde pequeninos, desde que sentimos os cornos a crescer, que sabemos que toda a gente há-de fazer pouco de nós. É sina nossa...

— Coitadinho...
— Bom, isso é o que toda a gente nos chama. Mas isso não nos adianta muito. Quando somos novos, matamo-nos com trabalho. Por aí andamos, e como toda a gente sabe que isto é um país essencialmente agrícola, acham que nós é que temos de dar conta desse recado. Por isso amarram-nos a umas charruas do tempo dos mouros, que já deviam estar era nos museus, e como sabem que nós somos gente de boa índole, picam-nos com um agulhão — às vezes até um miúdo! — e obrigam-nos a lavar os campos desde o nascer até ao pôr do sol, sem que eu tenha ainda percebido porque é que não fazem isso com um tratorzinho, como fazem com este mesmo pequeno, porque, com certeza gastava menos petróleo do que custa a nossa comida.

— Isso agora... vocês comem pouco...

— Pouco e mal. Só palha, que as rações parece que ouvi dizer que iam aumentar. As lembre-se o senhor que um

tratorzinho lavava um campo num dia, e nós naturalmente levamos uma semana a fazer o mesmo trabalho!

— Então porque será...?
— Ora, é muito simples. É que para o trator eles não podem pôr um miúdo com um agulhão a picá-lo! E por isso... cá estamos nós. Quando estamos velhos, lá nós mandam para o matadouro...

— E você não gosta disso, não é?
— Bom, gostar ninguém gosta. Que istp de ser boi, às vezes tem as suas vantagens. Chamam-nos nomes, é certo: mas a quem é que hoje não se chamam nomes? E depois, prontos: nós já sabemos que temos cornos: mas ao menos estes nasceram sempre, são verdadeiros, e pertencem à nossa raça. Estes veem-se e ninguém tem nada que lhes diz, nem andar a ofender a família. E olhe meu senhor que há muitos que já não podem dizer o mesmo...

— É verdade, é verdade — respondi eu. (e pelo sim pelo não olhei para o sitio onde tinha deixado a minha Miquelina, que até já lá nem estava. Com certeza que fora buscar vinho para o almoço)

— Mas diga-me lá, senhor boi: eles então lá no matadouro trabalhavam mal?

— Mal? O senhor não faz uma pequena ideia! Aquilo era uma autentica porcaria, de tal maneira que até eles próprios chegaram à conclusão que não podiam lá trabalhar sete horas. Olhe se eles estivessem lá à espera da hora da matança, durante três dias e mais...

— Sim, naquela dolorosa expectativa da cela da morte...

— Ora deixe-se de fitas. Isso não nos preocupa muito. Já lhe disse: é o nosso desti-

no, por isso não nos abala muito. O que nos abala são outras coisas: é estamos ali (eu não, que claro, ainda lá não fui) durante dias a fio, sem comida, sem água, e às vezes até sem ar, nós que sempre gostámos do ar livre...

— Sim realmente é chato...

— Chato? É indecente! E ainda por cima nos chamam nomes...

— Chamam-lhes nomes?
— Pois chamam! Ora diga-me cá, que eu não lo ofendo: o senhor gosta de bifes?

— Bom, eu...

— Não se envergonhe, homem! Gosta ou não gosta?

— Claro, um bom bifeinho de vaca...

— Ah, vê? De vaca! E o senhor sabe perfeitamente que está a chamar vaca a um boi! Quanto a isso só no Porto é que nos fazem justiça: ali ao menos em todos os talhos dão-nos a dignidade a que temos direito: ali vende-se carne de boi. Bem nos basta

esta sina de nascermos com cornos, quanto mais ainda acabarem por nos chamarem vacas! Não acha que é indecente?

— Sim, lá issa...

— É claro! É mais do que indecente! O senhor gostava que lhe chamassem vaca?

— Eu? Claro que não, que disparete! Então você acham-me igual a si?

— Bom, igual igual, não. Como já lhe disse, há uns que se vêem e outros que não se vêem. A propósito: onde que se meteu a sua parceira? Já pensou que ela se pensou há mais de uma hora?

Nesta altura a minha Miquelina gritou-me aos ouvidos:

— Oh homem acordá! Então tu não sabes que te pode fazer mal estares assim a dormir depois do comer? E chega as coisas mais para aqui, que está ali um boi a olhar para cá...

— Muuuuuuu! — disse o boi lá de longe.



GRITAVA-SE ANTIGAMENTE
ERRE ERRE MEXILHÃO
NA RUA DO LA' VEM UM...
AGORA P'RA SER DIFERENTE
HOUE EM BRAGA REUNIÃO
DO EME ERRE
PUM PUM

FOI UM COMICIO BRILHANTE.
MAS LOGO AO PRIMEIRO DISCURSO
PEGARAM-SE DOIS A CHAPADA
DEPOIS LA MAIS P'RA DIANTE
VEIO MAIS COMIDA D'URSO
E ACABOU TUDO A
PORRADA..

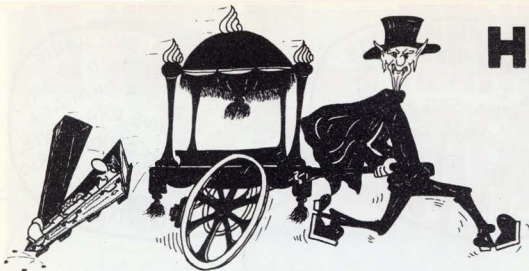
NÃO SEJAM
MAOS

M...R...
MEXILHÃO

PUM
PUM

COMICIO
EM
BRAGA

FERRA



HUMOR NE GRÖ

APRENDER A DANÇAR

O Zezinho decidiu que queria aprender a dançar. Claro que quando ele manifestou esse desejo, toda a família — família tradicionalista e de sólidos princípios — se insurgiu.

— Que disparate, Zezinho. Onde lhe veio essa ideia? O menino já alguma vez viu coisa assim cá em casa? Ora deixe-se dessas ideias disparatadas, e entretenha-se a ler os seus livros, e a jogar os seus jogos. Isso de danças não é para os meninos da sua condição!

Mas o Zezinho não se convenceu. E lá de si para si manteve a sua decisão.

E logo que teve uma oportunidade, comunicou a sua ideia a um amigo e companheiro da escola.

— Sabes? Vou aprender a dançar!

O amigo olhou-o com um desdém mal disfarçado:

— Oh Zé, tu sempre tens coisas! Para que diabos te queres tu meter nisso? Então não sabes que isso de danças são formas antiquadas de marialvismo que a nossa geração deve rejeitar? Para que

te queres tu dar a esse trabalho estafante? Ora deixa-te disso.

Mas o Zezinho não se convencia. Queria aprender a dançar e pronto. O que precisava era encontrar quem lhe ensinasse.

no Zezinho. O que foi? Fez alguma coisa mal feita, e não quer que os seus paizinhos saibam?

— Não fiz nada. Mas realmente tens razão: Não quero que eles saibam. E queria que tu me ajudas-

inho. Isso nem parece seu! Que loucura a sua menino Zezinho!

— Mas loucura porquê, Maria? Que mal há nisso? Porque é que estão todos apostados em me contrariar? Eu quero



Como a sua velha criada era, a seu ver, a pessoa mais compreensiva, fez-lhe a pergunta:

— Olha lá Maria: és capaz de guardar um segredo?

— Claro que sou, meni-

ses...

— Bem sabe que estou sempre pronta a ajudá-lo, menino Zezinho. O que é?

— Quero aprender a dançar!

— Oh, menino Zezi-

dançar, pronto! Porque é que não hei-de aprender?

— Oh, menino Zezinho. Então o menino que está sempre afentadinho na sua cadeira de rodas, havia agora de ir dançar?

JW*

REPARAÇÕES

QUER REPARAR

O SEU APARELHO DE TELEVISÃO-RADIO

TELEFONE PARA 721007

DEFORMEC

DEPARTAMENTO CENTRAL DE PROMOÇÃO E PESQUISA—RUA ABADE FARIA, 9/A

rebola bola



Então, meus amigos? Que dizem a isto? Quem foi que disse que o Académico não ia para a primeira divisão? quem foram esses parvalhões? Então não se estava

mesmo a ver que os rapazes tinham carradíssimas de razão, tanta que aquilo não podia ficar assim?

Então vocês não se lembram que a Académica sem-

pre foi o Ai Jesus dos tempos da "outra senhora", que a Académica colecionava jogadores que cobicasse, mesmo que fossem de outros clubes e a esses clubes tivessem cus-

tado bom dinheiro, não tendo obrigação de pagar um chavo por eles, assim a modos como se fosse empresa de utilidade publica?

Então vocês não se lembram que bulir na Académica era bulir com coisas sérias, e com coisas sérias não se brinca? Que nem o pobre do União de Coimbra mesmo na primeira divisão podia pisar a relva Municipal que mesmo estando a Académica na segunda, lhe era reverentemente reservada?

Nát A Académica era um caso à parte, e não podia ser tratada assim como qualquer clubezco mesmo da primeira divisão: a Académica era uma coisa superior!

E é claro, na altura em que o verdadeiro espírito dos estudantes de Coimbra reconheceu que estava a servir de degrau a interesses bastentê interesseiros, e decidiu acabar com a sua secção de futebol profissional, num verdadeiro e honesto saneamento... Não se podia perder tal manancial de favores. E surgiu de repen-

te um novo clube. Com estatutos novos e tudo.

Que no seu próprio dizer era um ser jurídico à parte. Mas que pediu para herdar o lugar da extinta secção.

Que não, disseram uns. Que sim, repetiram eles. Que não, disse depois a entidade superior. E finalmente a decisão suprema: Quem disse que não, não devia ter dito nem sim nem não. Quem devia ter dito, não disse nada porque ninguém lho perguntou. Por isso e como já é tarde para perguntar, porque o prazo para perguntar já acabou (ninguém o mandou perguntar a quem não deviam) a questão da herança fica automaticamente resolvida: o Académico... herda!

OS CABEDAIS DA TORRE MIA ALTA

cont. da pág. 10

EL-REI

— Não sabeídes, porque eu como vosso pai e vosso soberano, tive o cuidado de pôr os vossos proventos em seguro, e quando precisardes dele bastará irdes ter com Lord Loi-Loi, na velha Albion, e ele vos pagará as dízimas de todo esse capital que está no seguro: ou esqueceide-vos que eu sou um almirante providente?

D.BRIOLANJA

— Oh maravilha das maravilhas! Assim não nos espera o espectro da miséria quando esticardes o real pernil. . .

EL-REI

— Lagarto, lagarto! Sabeide que estou aqui para lavar e durar. Lavar pouco, mas durar muito!

ALDEGUNDES

— Ai papá, que bom! Agora já poderei enfeitigar algum gentil-homem. . .

EL-REI

— Tratmente! E não percaídes tempo, que é para termos as coisas em ordem o mais depressa possível. Quanto aos meus cabedais. . .

D.BRIOLANJA

— Pois quê? Vós também tendes outros cabedais escondidos?

EL-REI

— Escondidos e bem escondidos! estão em sitio onde ninguém a não ser eu ou quem eu determine os vá encontrar!

D.BRIOLANJA

— Não me digaiades! Então em que arcano ou escaninho conseguísteis vós esconder tão avultados cabedais?

EL-REI

— Nem vós saberíeídes, minha fiel esposa! sabeide que para esconder qualquer coisa de valor nada há como um sitio onde ninguém pense que está escondida: terá que ser à vista de toda a gente!

ALDEGUNDES

— Adonde é, papázinho, adonde é?

EL-REI

— Juraiades guardar segredo?

D.BRIOLANJA

— Dizeide, senhor! Podeídes confiar em nós!

EL-REI

— Numa torre do meu reino. Na torre mais alta!

D.BRIOLANJA

— Ah! Quem tal diria! Agora me alembro! Era um lugar para ali. . .

ALDEGUNDES

— E como somos três, agora os vossos cabedais ficam a ser uma sociedade para todos nós!



OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração
R. Conde Redondo n.º 12 - 2.ª LISBOA
Tel. 53 85 85 53 79 49-48668-563158

Composto e impresso na "LISGRÁFICA" - S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
R. SARAIVA DE CARVALHO - LISBOA

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



10
LOJAS
ESPALHADAS
POR
LISBOA
ONDE NADA
FALTA...
VAI UMA
APOSTINHA?

A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
“EPEDA” E “DELTALOC”